

Uma Reticência Entre Parênteses

Willy Correa de Oliveira

De hoje a 15 deste mês, o 1.º Seminário de Música Contemporânea estará tendo lugar no Instituto de Artes da UFRGS — numa promoção do DAC-SEC e colaboração da Pro Arte, ICBA, ICBNA e Unificado. Terá como tema "MÚSICA/LINGUAGEM". Dentre as personalidades convidadas destaca-se o compositor Willy Correa de Oliveira, professor do Departamento de Música da ECA-USP, que dirigirá o seminário homônimo, durante o encontro. A temática se deflagra a partir do ensaio que transcrevemos aqui, e que consistirá da pauta de discussão de abertura.

Musicalmente, duas verdades são possíveis de serem expressas: uma estrutural e outra passional; mas é na estrutural que todo o pensamento musical encontra sua unidade.

De um lado temos, pois, a verdade passional, interpretando a "outra área do discurso"; as sensações. E qualquer definição e/ou explicação que se proponha nesta área, desembocaria inevitavelmente numa aporia. O conjunto de nossos sentimentos — integram nossa linguagem privada (uma e uma só para cada indivíduo) e qualquer esforço de verbalização deve ser estimado como uma tentativa (preenche de "sugestões" mas ineficaz ao nível da definição) e que ainda será submetida a uma outra apreensão (modulada pela linguagem privada de um ou outro indivíduo) à qual eu não tenho pleno acesso. Assim recordemos Wittgenstein: "o que não se pode falar deve-se calar". O silêncio consentido, e silêncio sem sentido. E ainda: a paixão prescinde da razão para se impor, e revela-se por isso mesmo ineficiente para nos conduzir até a ontologia da linguagem; e muito menos como ferramenta de análise para um juízo de valor. A paixão é do domínio da "sugestão", da ambigüidade, do inefável.

A verdade estrutural é apodictica. Move-se pela consistência dos relacionamentos entre os elementos (fatuais) que compõem os discursos.

As inter-relações de:

- tempo (andamentos: estáveis; móveis; periódicos; aperiódicos)
- ruido (não periódico ao nível das frequências)
- frequência (propostas lineares e/ou simultâneas) (periódico)
- som (parâmetros)
- localização no contínuo frequencial
- projeto harmônico (tensão/relax, e polarização/não polarização)
- contorno
- direcionalidade
- densidade (horizontal, vertical)
- intensidade (nível expressivo/nível estrutural)
- timbre (espectro)
- duração (articulações no tempo)
- silêncio (pontuações, expressões, estrutura)
- sistema de referência (dentro de um projeto diacrônico da História)
- modo de jogo (morfologia e teleologia do discurso)

que se organizam em nível horizontal (linear) e em outro vertical (contraponto, harmonia, heterofonia). A Sintaxe Estão no modo como os elementos se organizam, os dados para a decodificação semântica: signos que não apontam para fora — não simbolizam — se autodenotam expressando funções:

- "vigiando"
- duvidando
- rolando
- brilhando e meditando antes de se deter em algum ponto último que o saque

as significações se estabelecendo em função do contexto. Cada obra lançando seus dados: emitindo seu próprio código! E, quanto mais estreitas as relações; quanto mais numerosas sejam as trocas de informações entre os elementos; quanto mais orgânico se manifesta o todo, uno. A verdade estrutural é humana (sensível) porquanto se mostra como metáfora da vida orgânica e não como se pretende (partindo-se de quantas direções filosóficas) formalista e desvinculada do Homem: como se o Homem fosse só paixão; como se o pensamento lógico não fosse (de resto) o elemento distintivo entre o Homem e o animal.

Nessas considerações estamos excluindo o jogo estrutural: o conhecimento e a possibilidade de manipulação de operações — quando não se ultrapassa — quando se apresenta em si mesmo, o que poderíamos chamar de "exercício de linguagem". Neste sentido o jogo estrutural não ultrapassa o domínio das regras (das fórmulas),

emora esteja incluído numa categoria sintática. (Mas não é do sentido dessa sintaxe que a linguagem musical se nutre). A verdade estrutural alia o conhecimento das operações (lúdicas) à capacidade criativa (imponderável) o que torna possível novas operações, e só então se revela a ontologia de linguagem musical. O jogo estrutural manifesta no máximo uma capacidade imaginativa atada à mimesis; a verdade estrutural é o testemunho da capacidade criativa (e transformadora: o domínio do Homem sobre a Natureza).

Se a verdade estrutural exclui o jogo estrutural porque o ultrapassa, não exclui a verdade passional porque não a alcança. Mas a verdade passional só é efetiva, quando se apropria da verdade estrutural para se tornar transparente. A verdade estrutural é uma manifestação da "paixão" do pensamento lógico.

De qualquer forma, força é exprimir aqui uma reticência:

58 Chopin - 4a. Balada

112

114

116

119

161

59

e que se tentando uma explicação logo ocorria: uma variação do tema (o que diz pouco...); uma variação ornamental da melodia sobre figuras arpejadas dos acordes (broken chords), que sem dúvida definiria mais a natureza da variação (mas continuaria dizendo pouco...); ou... uma transfiguração do tema (e o pouco dito continua dito pouco, convenhamos); e ain-

da que se estabeleça um coeficiente de tempo/densidade, seria (no caso que nos ocupa) de pouco alcance. Estas ferramentas de análise — que na quase totalidade dos casos constituem excelentes recursos — aqui se reduzem em tautologias e, como tais, vazias! Aquilo sobre o que não se pode falar, deve-se silenciar. Aqui não é o resto que é silêncio, é tudo.